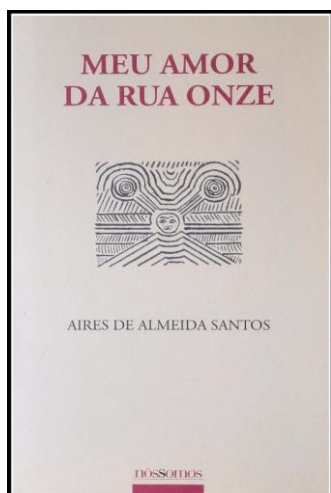


Meu amor da rua onze, de Aires de Almeida Santos

Ana T. Rocha



Em abril de 2014, a editora NÓSSOMOS deu à estampa uma reprodução fiel da primeira edição de *Meu amor da rua onze* de 1989, publicada pela União dos Escritores Angolanos. Este é um livro que reúne a poesia do angolano Aires de Almeida Santos, graças ao incentivo do amigo David Mestre, também ele angolano e importante poeta nacional.

Nesta edição, a NÓSSOMOS não excluiu o Prefácio de David Mestre, mas acrescentou-lhe uma Introdução de Francisco Soares e uma nota do editor, que é quem mais tem contribuído para a reedição de determinados livros de autores angolanos, cujas obras carecem de reparações e que apenas com sorte e munidos de paciência e talentos Sherlockianos poderemos encontrar em alguns alfarrabistas.

Aires de Almeida Santos deve ser relido não só enquanto poeta nacional, mas, sobretudo, pela sua distinção nesse conjunto. Refiro-me a uma distinção estética que abarca consigo a apresentação de temáticas de forma não tão habitual na sua geração, como o amor quase romântico.

Pese embora as saudades do passado e a enumeração das suas lembranças, o sujeito de Almeida Santos insere-se num presente que chega ao leitor traduzido e decorado por ele, numa conjugação rara de modernismo, romantismo e tradição. Almeida Santos é capaz de fazer surgir um *Guedes* em final de poema, tal como nos surge um *Esteves* no “Tabacaria” de Álvaro de Campos, para, logo depois, se deleitar com jogos de rimas de um tom mais coloquial em poemas que parecem solidamente construídos no formato Introdução-Desenvolvimento-e-Conclusão (conclusão, essa, que remete o leitor de novo para a Introdução).

Neste livro partimos desse espaço de observação pessoal e íntimo do sujeito para um outro maior que alberga outros espaços angolanos e outras personagens, como, por exemplo, no seu poema mais político “Quando os meus irmãos voltarem”.

Porém, a presença de um teor político não perturba, para nós, a certeza de que é o poema “Lenda”, que melhor caracteriza o poeta e no qual ele é o próprio *coqueiro* que ouve as estórias “longas de perigo”, trazidas pelo vento, e as partilha com os companheiros *palmeira* e *pitangueira*. Mas o *coqueiro* tem uma temática preferida, a temática soberana na poesia de Almeida Santos: “Mas o coqueiro/ Não gosta de ouvir contar/ Casos de mágoa e de dor;/ Só gosta e só quer ouvir,/ Para poder repetir/ Coisas que falem de amor”.